

Sua Majestade Lula III e um reino que encolhe

Sem o núcleo pensante original, governo petista virou uma corte de benesse e sem rumo

Cláudio Magnavita*

Qual a chance da economia brasileira se recuperar nos próximos 18 meses? Esta é a pergunta que vem sendo feita pelas cabeças pensantes da política brasileira.

O grande erro do governo Lula III foi apostar no milagre econômico e transformar o “príncipe” Fernando Haddad em Fernando Henrique do Itamar. Foi o sucesso do Real que colocou FHC como o candidato natural à sucessão do mineiro. O fiasco da condução da economia no Lula III não só abate a reeleição do próprio presidente e tritura o FH do PT.

Jair Bolsonaro deixou a economia com Paulo Guedes e entregou ao Centro a relação com o Congresso. Ele perdeu a reeleição para ele mesmo e, principalmente, ao envolvimento político do STF/TSE no processo eleitoral.

O PT nunca permitirá que o Centro assuma a relação com o Congresso e com a chegada do ano eleitoral o sarrafo das negociações fica mais alto.

Popularidade em queda, o “velho” não consegue entusiasmar e falar fora da bolha. O assistencialismo funciona no Norte e Nordeste, mas fica longe dos maiores colégios eleitorais.

A cartola de coelhos mágicos do PT já não entusiasma e a perda do apoio dos formadores de opinião da grande mídia, no Sudeste, principalmente, se deve à inanição da Secretaria de Comunicação que não mais jorrou as generosas verbas do Lula I e Lula II. O novo czar da Comunicação, Sidônio Palmeira, só aprimorou o pensamento equívocado dos investimentos nas redes sociais.

O governo Bolsonaro acabou com a farra da publicidade e os vívulos do lulismo na mídia ficaram ainda mais vívulos do governo federal do Lula III. As manchetes dos veículos regionais fortes e do Sudeste, sobre a queda de popularidade, traduzem um gosto de vingança pela torrente de publicidade que não veio.

Foi exatamente estes veículos, principalmente os impressos, que construíram a imagem do Lula I e Lula II, com um porém: para evitar o impeachment do Mensalão, os cofres da publicidade federal fluíram igual a cocaína nas veias destes órgãos de imprensa. Projeto de milhão virou trocado.

Sem apoio fidelizado do Congresso, sem o “apoio” da mídia abduzida e com a economia desorganizada, o cenário para 2026 é caótico.

Não houve também renovação nos quadros do PT. O governo Lula III e o governo Dilma II são irmãos siameses. Para piorar, o núcleo estratégico e pensante do PT foi escabreado. Sem Luiz Gushiken; sem José Dirceu; sem Gilberto Carvalho; sem Mares Guia; sem Márcio Thomaz Bastos; sem Tarso Genro; e com dezenas de outros estrategistas afastados, o que sobrou? Um Rui Costa carregando um passivo da sua saúde; um Alexandre Padilha que só fica pensando na saúde e na sua saúde; com Gleisi Hoffmann batendo sem dó na economia; com um presidente do Banco Central aumentando os juros; e uma legião de presidentes de partidos querendo aumentar o seu quinhão; o que sobrou para Lula III?

Os governadores irão derrubar os vetos do Propag, fato que vai gerar um enorme desgaste político ao Presidente, que calculou mal a possibilidade de aproximação com os governadores independentes.

No plano internacional, no qual Lula III tem se dedicado para construir um lugar na história, criou um tropeço com a vizinha Argentina e com o parceiro histórico, os Estados Unidos. A virada à direita está sendo boa para os hermanos e vai ser boa para os EUA. Sobra uma Europa reativa e em guerra. Vale lembrar o viés protecionista do grande “parceiro”, Emmanuel Macron, rendido aos agricultores franceses.

A eleição de 2026 vai redesenhar um Congresso novo e um Senado muito mais à direita, será o antídoto democrático à ditadura da toga. O Senado acabará com os excessos do Supremo. Aliás, é exatamente o ministro do STF, que veio do Senado, o grande antagonista dos embates com o Legislativo. Atuação de Flávio Dino é sempre creditada à orientação do Lula III.

A felicidade pessoal trazida pela balzaquiana Imperatriz do Alvorada tirou do Lula III o prazer orgasmático que a política lhe trazia e de seduzir políticos com uma conversa de encantador de serpentes. Ele deixou de ser onipresente no jogo de sedução do parlamento e de compreender o que seria necessário para ter uma base fidelizada.

Hoje já não se fala mais de divisão radical entre direita e esquerda. As eleições de 2024 desenharam outro Brasil, é só olhar os prefeitos eleitos nas maiores capitais.

O nome de Tarcísio de Freitas desponta como o de um homem honesto, fiel aos seus padrinhos e trabalhador. Em São Paulo, está sendo construída a imagem de um homem público que está no cargo como servidor público, longe das vaidades palacianas e desprovidos de gestos de realeza. Os paulistas gostam de governantes que podem ser tratados como um síndico do prédio ou capataz de suas fazendas, principalmente a elite endinheirada. É um figurino que está se alastrando para outras cidades, abandonando o papel de vice-rei que era destinado aos governadores de outrora.

É neste contraste de uma corte em decadência, com sua majestade Lula III e sua imperatriz, que o cenário de 2026 está sendo desenhado. No fundo, Jair Bolsonaro quebrou esta liturgia do cargo, com seu jeito popular, cervejinha, pastel e sandalhão com camisa do Palmeiras. Para o imaginário popular, Lula e Janja restauraram os ritos de uma realeza que não funciona mais. É só ver os gastos da primeira imperatriz e os ritos palacianos, no qual não faltam picanha e nem camarão. Com a economia refletindo no cardápio minguaço do povo, não se consegue ser popular com as demonstrações de gastos exagerados, jatos, suítes de luxo e um governo especialista em criar inimigos entre seus próprios aliados. Sem seu núcleo pensante original, o governo virou um porta aviões sem rumo, pilotado por sua majestade Lula III.

*Cláudio Magnavita é diretor de redação do Correio da Manhã



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita



Fotos CM

Líderes do turismo fluminense durante almoço de trabalho com o governador Cláudio Castro e o secretário Gustavo Tutuca

Almoço de trabalho

O governador Cláudio Castro recebeu, nesta terça-feira (18), para reunião de trabalho, no Salão Verde do Palácio Guanabara, os principais líderes do turismo fluminense para um almoço. O governador falou sobre as medidas em relação à segurança turística no estado. O encontro também foi conduzido pelo secretário de Estado de Turismo, Gustavo Tutuca, que apresentou os bons resultados do setor, que segue batendo recordes históricos nesta alta temporada, que terá como ápice o Carnaval no início de março.



No encontro, o governador do Rio, Cláudio Castro, falou sobre as medidas em relação à segurança turística. Já o secretário Gustavo Tutuca apontou os resultados positivos do setor



Evento com as lideranças turísticas foi realizado no Salão Verde do Palácio Guanabara, sede do Governo do Estado do Rio de Janeiro



Em clima de união e descontração, o governador Cláudio Castro (e) e o secretário de Estado de Turismo Gustavo Tutuca (d)

PINGA-FOGO

■ **CARTAS NA MESA** - O indiciamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, apesar de ter sido amplamente anunciado, deverá ter efeitos colaterais na política. O jogo vai ficar pesado com as cartas na mesa e o Congresso deve manchar com os instrumentos de anistia. Em tempo: o primeiro ato de Trump, após a posse, foi anistiar todos os réus da invasão do Capitólio.

■ **PÉSSIMO EXEMPLO NO TCU** - Tem gente futucando os sites de transparência do Tribunal de Contas da União para descobrir o volume de diárias que o ex-presidente da corte, o ministro Bruno Dantas, está recebendo no seu período de “estudos” nos Estados Unidos. Além de manter o salário, ele recebe por dia um valor próximo a \$500 dólares para o seu cus-

teio. Pode ser legal, mas é no mínimo um péssimo exemplo para uma corte de cotas, que deveria zelar pela parcimônia com os gastos públicos.

■ **HUGO MOTTA NO RIO** - O presidente da Câmara dos Deputados, Hugo Motta, será a personalidade central do jantar que o Governador do Rio, Cláudio Castro, oferece no Palácio Laranjeiras, nesta quinta, 20, reunindo a classe política fluminense. Poucos convites, todos nominiais e intransferíveis.

■ **QUATRO RODAS** - O presidente de uma empresa do estado usou toda verba orçamentária para alugar um carro de representação de luxo, deixando a equipe técnica de ‘Uber’. O valor usado em uma única viagem daria para locar, com o saldo, um veículo mais simples de representação e outro de serviço.

■ **DE VOLTA ÀS ORIGENS** - O Governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, está sendo esperado na Sapucaí. O chefe do executivo paulista nasceu no Rio e é apaixonado pelas escolas de samba cariocas. Vai ter gente dizendo que ele está em campanha. Não deixa de ser curioso: Tarcísio nasceu no Rio e Cláudio Castro em São Paulo.

■ **FRENTE CONTRA PAES** - O ex-presidente da Alerj, André Ceciliano, nome de maior expressão do PT fluminense, defende que haja um candidato único para concorrer contra o prefeito Eduardo Paes, em 2026, para o governo do Rio. Ele apoiará o adversário de Paes se não houver divisão. O próprio Ceciliano foi vítima da divisão da esquerda quando concorreu ao Senado. Tinha uma eleição garantida que escorregou das suas mãos pela insistência de Alessandro Molon em dividir a bola.

Fernando Molica

E o Dino, hein? — a pergunta a esquerda

Diante dos problemas de Lula e das críticas a Fernando Haddad, a pergunta que anda em cabeças de integrantes da esquerda, que falam — baixinho — pelos botecos é simples: “E o Dino, hein?”

Ex-ministro da Justiça, ex-governador do Maranhão, ex-senador, ex-deputado federal, ex-presidente da Embratur, Flávio Dino, ministro do Supremo Tribunal Federal, foi juiz federal, mas tem mais rotação em cargos políticos (17 anos) do que na magistratura (13 anos).

No STF, conduz uma pauta capaz de conquistar apoio popular até entre eleitores que tem horror à esquerda, o combate à farra das emendas parlamentares. Mecanismo, que, entre 2020 e 2024, despejou R\$ 109,5 bilhões em obras e serviços, muito mais do que a

Polícia Federal estimou ter sido desviado no Petrolão.

Seria absurdo dizer que todas, ou mesmo a maioria, das emendas parlamentares foi engendrada para permitir desvios. Mas os dados levantados indicam que a roubalheira foi e é muito grande.

O país está mais do que vacinado em relação a integrantes do Judiciário que fazem e acontecem, que confundem a toga com capa de super-herói. Sérgio Moro e Marcelo Bretas — afastado do cargo de magistrado pela própria Justiça — cometeram erros e abusos que por muitos anos serão sentidos no Judiciário.

Mas com todos os exageros, pedaladas processuais, abusos e evidentes sinais de contaminação ideológica e partidária, a Lava Jato serviu para mostrar parte do tamanho da engranagem de corrupção que move essas parcerias

público-privadas informais no Brasil. Revelou que boa parte do universo político gravita em torno de interesses escusos e flexíveis, capazes de se renovar constantemente.

Apesar do trauma gerado pelos juízes lavajatistas, muita gente na esquerda já admite uma candidatura de Dino à Presidência. Eles alegam que, diferentemente de Moro, Dino atuou na política de maneira explícita por quase duas décadas, não tem imagem ligada a malfeitos, transmite firmeza — como demonstrou no 8 de Janeiro — e compromisso com os mais pobres.

Outro ponto importante ressaltado por seus defensores é sua capacidade de brigar, diversas vezes foi agressivo e irônico com deputados bolsonaristas que questionavam sua gestão à frente do Ministério da Justiça. Essa caracte-

terística tem sido reforçada diante do desempenho irregular de Lula nos debates da eleição de 2022 — em alguns momentos, ele chegou a ser acuado por Jair Bolsonaro.

O ministro nunca descartou voltar à política e tentar a Presidência, mas isso seria um projeto mais distante. Ele, numa eventual candidatura, também correria o risco de enfrentar a hostilidade de grande parte do universo político caso as investigações sobre as emendas rendam prisões — tem sido xingado por barrar o pagamento de boa parte delas. Enfrentaria também problemas para ter maioria no Congresso

Mas o exemplo de Bolsonaro em 2018 indica que eleitores não se importam em eleger alguém visto como inimigo de um sistema tido como

corrupto. A proximidade histórica de Dino com o PT seria questionada, no início de sua carreira, chegou a ser filiado ao partido.

Outro problema seria renunciar à cadeira no STF, ele está às vésperas de completar um ano na função e, pela lei, pode ficar por lá até 2043, quando completará 75 anos. Ele, porém, abriu mão de cargo vitalício ao, em 2006, trocar o Judiciário pela Câmara dos Deputados.

Por enquanto, Dino foge de abordagens sobre candidatura em 2026, o melhor para ele seria fazer planos para longe, no mínimo, para 2030. Mas a possibilidade de derrota da esquerda serve de estímulo e de dúvida: na política, não há certeza, nem nunca terá, e os caras do ramo costumam montar nos cavalos que passam selados.